



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme
Organizador

SUMÁRIO

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

DOI 10.22533/at.ed.9272021091

CAPÍTULO 2..... 18

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

DOI 10.22533/at.ed.9272021092

CAPÍTULO 3..... 28

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

DOI 10.22533/at.ed.9272021093

CAPÍTULO 4..... 39

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

DOI 10.22533/at.ed.9272021094

CAPÍTULO 5..... 46

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.9272021095

CAPÍTULO 6..... 58

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

DOI 10.22533/at.ed.9272021096

TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE

CAPÍTULO 7..... 70

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

DOI 10.22533/at.ed.9272021097

CAPÍTULO 8..... 77

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

DOI 10.22533/at.ed.9272021098

CAPÍTULO 9..... 87

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.9272021099

CAPÍTULO 10..... 97

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

DOI 10.22533/at.ed.92720210910

CAPÍTULO 11..... 109

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.92720210911

CAPÍTULO 12..... 121

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

DOI 10.22533/at.ed.92720210912

CAPÍTULO 13..... 133

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

DOI 10.22533/at.ed.92720210913

CAPÍTULO 14	146
O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.92720210914	
CAPÍTULO 15	156
CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS	
Ana Lígia Trindade	
Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.92720210915	
CAPÍTULO 16	166
DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO	
Jéssica Viana Marques	
João Balduino de Brito Neto	
Mikaela Dantas Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92720210916	
CAPÍTULO 17	173
RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA	
Rodrigo de Moraes Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.92720210917	
CINEMA, LITERATURA E ARTE	
CAPÍTULO 18	183
A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO	
Harley Pereira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92720210918	
CAPÍTULO 19	192
OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA	
Mirela Bansi Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210919	
CAPÍTULO 20	201
DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)	
Natália Gomes da Silva Machado	
DOI 10.22533/at.ed.92720210920	

CAPÍTULO 21.....217

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

DOI 10.22533/at.ed.92720210921

CAPÍTULO 22.....229

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

DOI 10.22533/at.ed.92720210922

CIDADES E PARTICULARIDADES

CAPÍTULO 23.....242

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

DOI 10.22533/at.ed.92720210923

CAPÍTULO 24.....255

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

DOI 10.22533/at.ed.92720210924

CAPÍTULO 25.....267

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

DOI 10.22533/at.ed.92720210925

CAPÍTULO 26.....279

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

DOI 10.22533/at.ed.92720210926

CAPÍTULO 27.....284

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

DOI 10.22533/at.ed.92720210927

SOBRE O ORGANIZADOR.....	294
ÍNDICE REMISSIVO.....	295

CAPÍTULO 22

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Data de aceite: 01/09/2020

Sílvia Rachi

“Tentei captar essa solidão habitual desenhando uma mãe de família, de pequenas posses, em seu lar onde a encontramos sentada, como de hábito, sobre sua marquesa (...) A menina no centro, à direita, pouco letrada, embora já crescida, conserva a mesma atitude de sua mãe, mas sentada numa cadeira bem menos cômoda, e esforça-se por ler as primeiras letras do alfabeto traçadas sobre um pedaço de papel”. Jean-Baptiste Debret, 1971.

RESUMO: Nas últimas décadas, número considerável de historiadores tem se debruçado sobre as pinturas de Jean-Baptiste Debret relacionadas aos costumes cotidianos e ao mundo do trabalho no Brasil do século XIX. Apesar desta constatação, ainda não se evidenciam, de forma acentuada, investigações no campo da História da Educação que tomem a iconografia referente ao período colonial e início do século XIX, como problemática e/ou fonte de pesquisa. Neste texto, procuraremos tecer um diálogo entre a obra intitulada *Uma Senhora Brasileira em Seu Lar* de 1823, (onde há a imagem de uma menina lendo) e as discussões sobre as relações estabelecidas pelas mulheres com a cultura escrita. O esforço analítico converge, portanto, em duas direções: problematizar a pintura histórica enquanto fonte de investigação e conformação da memória e refletir sobre práticas de leitura femininas no

período estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Baptiste Debret, História das mulheres, História da Leitura.

“A BRAZILIAN LADY IN YOUR HOME”: REPRESENTATIONS OF READERS BY DEBRET’S BRUSHES

ABSTRACT: In the last few decades, a considerable number of historians have studied Jean-Baptiste Debret’s paintings related to everyday customs and the world of work in Brazil in the 19th century. Despite this observation, investigations in the field of the History of Education that take the iconography referring to the colonial period and the beginning of the 19th century as a problem and / or source of research are not yet evident. In this text, we will try to weave a dialogue between the work entitled *Uma Senhora Brasileira em Seu Lar* from 1823, (where there is the image of a girl reading) and the discussions about the relationships established by women with the written culture. The analytical effort converges, therefore, in two directions: to problematize historical painting as a source of investigation and conformation of memory and to reflect on female reading practices in the studied period.

KEYWORDS: Jean-Baptiste Debret, History of women, History of Reading.

Delineadas por traços e tons diversificados, figuras femininas habitam desde há muito as telas artísticas. Pinturas românticas, épicas ou bucólicas são artefatos de contemplação e devaneios, contribuindo

para a formação de interpretações e levando à cristalização de representações nos imaginários sociais. Por outro lado, principalmente a partir de meados do século XX, essas representações, confrontadas com outras fontes primárias, tornaram-se objeto de problematização para historiadores na intenção de se recuperar trajetórias desses agentes como lugares de memória e de construção da narrativa histórica. Como viveram as mulheres de diferentes épocas? Como trabalharam, aprenderam, amaram e resistiram a opressões e violências? Quais foram os papéis sociais por elas exercidos em diferentes contextos? De que modo transitaram no mundo social e cultural? São alguns dos questionamentos que orientam, de maneira geral, as pesquisas sobre a temática. Teoricamente ancoradas nos estudos de gênero e nos aportes da história cultural, as investigações visam recuperar sensibilidades e vivências femininas para se evidenciar a atuação desses sujeitos, em contraposição às percepções silenciadoras ou meramente romanceadas.

Neste texto, procuraremos tecer um diálogo entre a obra de Jean-Baptiste Debret intitulada *Uma Senhora Brasileira em Seu Lar* de 1823 (Anexo 1), (onde há a imagem de uma menina lendo) e as discussões referentes às relações estabelecidas pelas mulheres com a *cultura escrita* em fins do século XVIII e início do XIX. Por um lado, como nos esclarece Roger Chartier, historicamente a imagem da mulher foi associada à forma específica de leitura, contemplativa, lânguida e interiorizada, remetendo ao mundo da religiosidade, do romance e da solidão. Representações de diferentes artistas acabaram por conformar o imaginário social no que tange às relações do público feminino com o escrito. Por outro, excetuando-se as pesquisas concernentes às vidas e obras de escritoras e intelectuais, destacadamente da segunda metade do século XIX e no XX, muito pouco se disse a respeito das ligações de mulheres com a prática de escrever na realidade colonial e na transição para o Império. A respeito da temática, impera o silêncio.

Eis, assim, a intenção deste trabalho: contribuir para reflexões sobre o potencial investigativo da iconografia *debrediana* enquanto construtora da memória, desvelando, no nascente Império brasileiro, práticas sociais e resistências femininas com vistas a realçar suas formas e cores. O esforço analítico converge, portanto, em duas direções: problematizar a pintura histórica enquanto fonte de investigação e conformação da memória e refletir sobre práticas de leitura dos segmentos femininos no período estudado. Trata-se, antes, não de uma pesquisa histórica, ainda que pautada na historiografia, mas de abordagem crítica em relação aos aspectos apontados a partir de uma obra *debrediana*.

As obras de Jean Baptiste Debret encantam o olhar e nos fazem pensar sobre aspectos do cotidiano dos períodos colonial e imperial do Brasil. Debret nasceu em Paris em 1768, onde também faleceu em 1848. Estudou na academia de Belas Artes desta cidade, recebeu formação clássica e foi discípulo de seu primo Jacques-Louis David, um dos nomes mais celebrados à época, tornando-se pintor da corte de Napoleão Bonaparte. Os mesmos olhos que assistiram à execução do Rei Luís XVI na França observariam atentamente, anos mais tarde, o cotidiano da sociedade mestiça ao aportar na América em

1816, aos 48 anos de idade. Contratado pela Corte Portuguesa, aceitou o convite de D. João VI e integrou a missão que pretendia criar uma Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Voltou, assim, sua atenção para costumes dos povos nativos, hábitos e expressões culturais dos negros da terra e de povos africanos escravizados e seus descendentes. Pelos pinceis *debredianos* emergiram formas e cores das mulheres, crianças e homens que aqui viveram, africanos e autóctones.

De maneira diferente de outros pintores vindos para a América, Debret permaneceu no Brasil até 1831, produzindo grande número de obras sobre a realidade local.¹ Regressou a França, onde foi publicada *Viajem Histórica e Pitoresca ao Brasil (1816-1831)*, obra composta por três volumes com centenas de imagens seguidas de descrições. O artista elaborava textos explicativos para as pinturas e tentava adaptar os registros à mentalidade de que era portador, aos valores nos quais acreditava, tendo por base a ideia de civilização. Por isso, aqueles hábitos tidos como “pitorescos” eram considerados, em seus discursos imagéticos ou textuais, como costumes superados ou a serem ultrapassados na construção de um modelo de sociedade supostamente mais civilizada. Por trás de sua interpretação, é indispensável perceber, portanto, o ideal que se pretendia atingir, as intencionalidades guardadas na produção artística.

Cabe destacar que do ponto de vista histórico as pinturas não devem ser tomadas como espelho do real, mas elaborações discursivas constituídas em contexto específico. Quaisquer representações imagéticas possuem historicidade, logo, devem ser problematizadas como produções de seu tempo, portadoras de intencionalidades e características peculiares, carregam valores e concepções de fatos e personagens históricos. Constituem-se como maneiras de conhecer, revelar e representar o mundo. São linguagens documentais, imbuídas de sentidos e significados, sendo permanentemente (re)interpretadas por sujeitos inseridos em diferentes contextos socioculturais. Logo, compreendemos o universo iconográfico enquanto campo aberto para a criação e divulgação de múltiplos estereótipos relativos aos conteúdos históricos, isto é, uma diversidade muito grande de representações que conformam os imaginários sociais. Alimentam-se do imaginário e contribuem, igualmente, para sua configuração e apresentam, desse modo, um manancial de possibilidades investigativas, tanto para a pesquisa histórica quanto para o trabalho em sala de aula. Ora, se estamos diante de ideias construídas por indivíduos que trazem em si as dimensões do social, podemos inferir que este conjunto de interpretações

1. Sobre Debret e a missão francesa ver, dentre outros: BANDEIRA, Júlio & LAGO, Pedro Corrêa do. (2008). **Debret e o Brasil**. Obra completa 1816-1831. Rio de Janeiro: Capivara. DEBRET, Jean-Baptiste. (1834-1839). **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institut de France. (Tradução brasileira de Sérgio Milliet, *Viajem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1940). LEENHARDT, Jacques. Jean-Baptiste Debret: um olhar francês sobre os primórdios do Império brasileiro. *École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)*, França **Sociologia & antropologia**. Rio de Janeiro, v.03.06: 509–523, novembro, 2013. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “La plume & le pinceau”. In: _____ et al., Rio de Janeiro, la ville métis. **Illustrations & commentaires de Jean-Baptiste DEBRET**. Paris: Chandeigne, 2001. ALMEIDA PRADO, J. F. de. **O Artista Debret e o Brasil**. Brasília, volume 386. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1990. DORIA, Escragnolle. “A Missão Artística de 1816”. In: **Revista da Semana**, 07/12/1940, nº 49.

forma uma rede de sentidos. As crenças, fantasias, desejos e necessidades, sonhos e interesses, raciocínios, intuições e interpretações, como um conjunto de fragmentos, orienta a conduta coletiva, pois são internalizados e apropriados pelos indivíduos, no âmbito das relações sociais. Existem, portanto, apropriações e incorporações desses referenciais, princípios e representações, bens simbólicos produzidos e difundidos com propósitos e possibilidades de formação e orientação de opiniões.

Tais premissas são indispensáveis para que possamos entender os norteamentos da produção pictórica e, em específico, a força e o lugar que as telas de Debret ocuparam na construção da memória histórica referente às mulheres e suas práticas sociais no Brasil. Lembremos que a formação de Debret acontece em fins do Dezoito e início do Dezenove, quer-se dizer: os conhecimentos, crenças e opiniões do artista são formados a partir das correntes de pensamento vigentes na Europa. A Missão Francesa de 1816 chega à América, portanto, repleta de referências artísticas da época. As concepções trazidas baseavam-se em uma pedagogia neoclássica – e, surpreendentemente para os olhos europeus, em traços românticos - além de buscarem constituir, na ex-colônia portuguesa, a chamada arte cortesã². Para Jacques Leenhardt, na visão do pintor francês:

O Brasil era um mundo extremamente exótico para aquele típico parisiense que ele foi durante os primeiros 47 anos de sua vida. Debret fará o retrato dessa sociedade, aos seus olhos radicalmente clivada, feita por portugueses arcaicos e preguiçosos – estes são seus termos – e repleta de escravos negros explorados. Porém, a longa presença desses escravos no Brasil já havia feito surgir uma sociedade intermediária de mestiços com os quais eles formam a parte dinâmica da nação emergente, como Debret gosta de ressaltar. Sem dúvida, essas duas histórias contêm, cada uma delas, parte da verdade que é delicada de distinguir do mito. Elas constituem o aspecto produtivo de uma obra que é, pelos acasos da história, colocada exatamente na fronteira entre dois mundos³.

Neste sentido, além do não menos importante caráter estético, número considerável de historiadores tem se debruçado sobre a produção do artista relacionada aos costumes cotidianos e ao mundo do trabalho no Brasil do Dezenove. Apesar desta constatação, ainda não se evidenciam, de forma tão acentuada, investigações no campo da História da Educação que tomem a iconografia do período colonial (e início do século XIX, no lapso temporal anterior à emancipação política do Brasil) como problemática e/ou fonte de pesquisa. Fator decorrente, talvez, de concepções investigativas arraigadas à tradição historiográfica que privilegia as formas institucionais de ensino/aprendizagem no período colonial, como conventos, colégios e seminários, em detrimento daquelas ocorridas em

2. Por motivos diversos, atualmente, alguns estudiosos questionam a designação de “Missão” conferida ao conjunto de artistas que aqui aportaram em 1816. A esse respeito, consulte-se: SQUEFF, Letícia. Revendo a missão francesa: a missão artística de 1816, de Afonso D’escragnolle Taunay. Disponível em: <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/atas/atas-IEHA-v2-133-140-leticia%20squeff.pdf>.

3. LEENHARDT, Jacques. Jean-Baptiste Debret: um olhar francês sobre os primórdios do Império brasileiro. École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França **Sociologia&antropologia**. Rio de Janeiro, v.03.06: 509–523, novembro, 2013. (p. 512).

outros espaços, a exemplo da esfera doméstica⁴.

Para tanto, tomamos como foco a imagem da leitura presente na referida tela, partindo do pressuposto de que os hábitos de leitura na América portuguesa - tanto os ocorridos nas instituições, quanto os processados em âmbito privado - caracterizam-se como práticas educativas, principalmente, quando a abordagem refere-se ao universo feminino. Ler e escrever não eram práticas comuns para as mulheres no período colonial ou logo nas primeiras décadas do Oitocentos, ainda que essas convivessem, cotidianamente, com a *cultura escrita*⁵, fosse por meio da leitura de oitiva ou da escrita mediada, independente do camada social de pertencimento⁶.

No espaço privado, entretanto, principalmente para as camadas mais abastadas, o ensino das primeiras letras poderia ocorrer de forma menos rara. De uma maneira ou de outra, a *cultura escrita* se fazia presente por variados caminhos, apresentando-se nos hábitos e nas necessidades do dia a dia. Fontes primárias indiciam contatos com o universo da escrita processados sob a forma de leituras de orações, em voz alta no interior das casas, ou mesmo na administração de negócios, como contabilidade comercial no cotidiano (venda e compra de produtos resultantes do trabalho dessas mulheres), nas anotações de créditos e débitos ou nas almeçadas cartas de alforrias⁷. Assim, escritos e leituras faziam parte da cultura daquele tempo, ainda que na Época Moderna, as habilidades de ler e de escrever constituíssem capital cultural de poucos.

Ao lançarmos mãos da expressão *cultura escrita*, a acepção de *cultura* é tomada numa perspectiva antropológica, a qual rompe com a visão estritamente material e de “continuidade espacial”, característica do conceito de civilização, para abordá-la a partir de uma ótica que considere os valores, o conjunto de conhecimentos, práticas, hábitos, costumes e crenças. A cultura é reconhecida enquanto sistema de representações, território de interpretações e espaço de construção de significados conscientes ou inconscientes. Caminho por meio do qual homens e mulheres concedem sentido e ordenam ações e

4. Excelente análise crítica a respeito da historiografia dedicada ao tema foi feita por Thais Nivia de Lima e Fonseca. FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Educação na América portuguesa: sujeitos, dinâmicas, sociabilidades. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR. Curitiba, n. 60, p. 15-38, jan./jun. 2014. FONSECA, Thais Nivia de Lima e. “Segundo a qualidade de suas pessoas e fazenda”: estratégias educativas na sociedade mineira colonial. **Varia história**. 2006, vol.22, n.35, pp.175-188.

5. Destacamos a existência diferentes *culturas escritas* ou de uma *cultura do escrito* característica de cada época. Cabe ressaltar, todavia, que tanto na historiografia quanto na linguística inexistente consenso modelar sobre a definição de cultura escrita ou cultura do escrito. A esse respeito, ver, dentre outros: CHARTIER, Roger. **Formas e sentidos, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 2003. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995. MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras**: leitura e escrita em Portugal no século XVII. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

6. Sobre as experiências de mulheres (de diferentes camadas sociais) com a cultura escrita no final do século XVIII e início do XIX, ver: RACHI, Sílvia. **Por mãos alheias**: práticas de escrita na sociedade colonial. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2015.

7. Ver: RACHI, Sílvia. **Por mãos alheias**: práticas de escrita na sociedade colonial. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2015.

comportamentos. A dimensão simbólica apresenta, de acordo com essa concepção, importância crucial para a atividade humana, e a sociedade configura-se como local onde as interações ocorrem a partir de diferentes óticas, uma vez que múltiplas são as matrizes que constroem os sentidos. A realidade assume o caráter de produto humano e, simultaneamente, de construção permanentemente penetrada por tensões, conflitos e lutas simbólicas expressas por diferentes modalidades linguísticas, sejam imagéticas, escritas e/ou orais.

No que respeita estritamente às práticas de leitura nas sociedades de alfabetização restrita, como no caso do nascente Império brasileiro, mostra-nos a historiografia que a oralidade ocupou papel de relevo. A leitura em voz alta era hábito comum no período, permitindo o contato e/ou a aquisição dos conteúdos escritos por quem não dominava a habilidade de ler, em especial os segmentos femininos. Fossem nos espaços religiosos, na vivência domiciliar ou ao ditar documentos, as mulheres absorveram elementos da linguagem escrita ao travarem contato com discursos organizados de acordo com sua lógica. A esse respeito, explica-nos Leila Mezan Algranti (2004):

Enquanto fora das muralhas dos conventos a instrução religiosa se dava bem mais por meio da oralidade (sermões, leituras coletivas, orientações do confessor), nos conventos e recolhimentos havia não só a necessidade de acompanhar os serviços religiosos com a leitura silenciosa (o que não excluía as leituras em voz alta) [...]. (ALGRANTI, 2004, p. 51).

Apesar de destacarmos a importância e a prática da leitura de oitiva, entendemos que a posse da habilidade de ler (e escrever) encerra um poder no exercício de papéis diferenciados de uma sociedade para outra. Acreditamos, porém, que o mais importante não seria tanto evidenciar as consequências do domínio dessas habilidades (leitura e escrita) na vida dos indivíduos, mas sim como sujeitos (letrados ou não) transitaram neste universo, desenvolvendo atitudes cognitivas e sociais propulsoras dos atos de comunicação e marcados pelas subjetividades. Dito de outra maneira, ao analisarmos a sociedade em causa, buscamos evidenciar que mesmo não sendo comum o domínio da habilidade de ler, os segmentos femininos ouviam textos, isto é, liam por outros olhos, viviam e experienciavam práticas orais de leitura, atuando socialmente. É fundamental destacar que a cultura escrita configura-se em instrumento de poder ao permitir o funcionamento das práticas em distintas esferas: na vida política, na religiosidade, no âmbito privado. Em diferentes contextos, na Colônia ou no Império, os impressos, manuscritos e imagens exerceram, por vezes, o papel de dispositivos de persuasão e exercício da autoridade, de manutenção e de reafirmação da ordem social, legitimando relações de poder e/ou exclusão.

Neste cenário, lembremos que a mudanças ocorridas no Rio de Janeiro no século XIX - desde a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 - propiciaram o incremento das produções culturais de maneira geral e, em particular, dos hábitos de leitura, com o aumento da circulação de periódicos e livros, multiplicando momentos, lugares e práticas

de leitura.⁸ Nas palavras de Valdney Valente Castro:

Entre os materiais impressos, os jornais eram fisicamente mais fáceis de manuseio, podiam ser levados para qualquer parte e os textos curtos facilitavam a leitura em qualquer lugar, propondo, também, um contato do leitor com o cotidiano. Soma-se a isso o barateamento dos custos e tem-se a razão do enorme sucesso dos periódicos que passaram a invadir os lares, os cafés, as livrarias, ao apresentar, a partir de suas matérias, o mote para as conversas tecidas nos mais diversos salões; com isso, a discussão sobre as histórias interrompidas nos folhetins ia além das residências das famílias oitocentistas para alcançar os espaços mais variados do Brasil Regencial.⁹

A despeito das alterações promovidas pela chegada da Corte e pela urbanização desencadeada no período, é preciso destacar o momento de produção da tela “*Uma Senhora em Seu Lar*”, o ano de 1823. É certo que o Brasil havia passado pela emancipação política (1822) - apesar das tensões permanentes do período e de ainda existirem províncias submetidas às ordens emanadas de Lisboa – e que as mudanças promovidas pela presença da Família Real fossem visíveis, acentuando-se, ainda mais, nos anos subsequentes. No entanto, ao identificarmos as transformações ocorridas no período, descobrimos, ao mesmo tempo, aquelas estruturas e crenças mais arraigadas. As permanências que revelam hábitos e representações muitas vezes perpetuadoras de preconceitos e da exclusão social, donde se pode questionar em que medida as citadas transformações atingiram práticas experienciadas no interior das casas e permitiram mudanças no lugar social ocupado pelas mulheres. Não queremos com isso desconsiderar a importância do século XIX como marco renovador no que se refere aos hábitos de leitura e, de igual forma, às transformações políticas, sociais e culturais no nascente país. Acreditamos, contudo, que as matizes das ligações do público feminino com a cultura escrita, a exemplo da leitura de oitiva ou o hábito de se escrever via ditado, revelam permanências e mudanças (ainda que não fossem rupturas) importantes na transição do Brasil colônia para o Império. Para percebermos tais nuances, passemos à interpretação da tela e do texto explicativo¹⁰.

8. Sobre os hábitos de leitura no Brasil Colônia, Império e República e no Rio de Janeiro em especial, - entre títulos consagrados e trabalhos mais recentes - são inúmeras as pesquisas nas áreas de história e letras. A respeito da temática, ver, dentre outros: SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias**: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1999. SCHWARCZ, Lília Mortiz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. ABREU, Márcia. **Os caminhos dos Livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. CASTRO, Valdney Valente Lobato de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX? Rio de Janeiro: **Interfaces**. Vol. 6 n. 2, dez./2015. p. 40-50. SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v.1, p. 44-56, 2007.

9. CASTRO, Valdney Valente Lobato de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX? Rio de Janeiro: **Interfaces**. Vol. 6 n. 2, dez./2015. p. 48.

10. “*Tentei captar essa solidão habitual desenhando uma mãe de família, de pequenas posses, em seu lar onde a encontramos sentada, como de hábito, sobre sua marquesa (...) lugar que serve, de dia, como sofá fresco e cômodo em um país quente, para descansar o dia inteiro, sentada sobre as pernas, à maneira asiática. Imediatamente ao seu lado e bem ao seu alcance se encontra o gongá (paneiro) destinado a conter os trabalhos de costura; entreaberto, deixa à mostra, a extremidade do chicote enorme feito inteiramente de couro, instrumento de castigo com o qual os senhores ameaçam seus escravos a toda hora. Do mesmo lado, um pequeno mico-leão, preso por sua corrente a um dos encostos desse móvel, serve de inocente distração à sua dona (...). A criada de quarto, mulata, trabalha sentada no chão aos*

A cena estampa aspectos do espaço privado da casa, o *lugar feminino* por excelência, destinado às mulheres brancas livres nos discursos morais e religiosos, pertencessem elas às camadas mais abastadas ou intermediárias, como no caso representado. *Uma senhora de algumas posses*¹¹ costura cercada por escravizados dedicados ao trabalho doméstico. Centremos nossa atenção na menina que lê. Com alguma dificuldade, tenta decifrar os escritos, sentada ao “centro, à direita, pouco letrada, embora já crescida, (...) esforça-se por ler as primeiras letras do alfabeto traçadas sobre um pedaço de papel”¹². Como demonstra-nos a historiografia, às meninas não era ofertado o ensino das primeiras letras. As aulas régias foram oferecidas somente aos meninos e ministradas por professores pagos pela Coroa, tendo sido iniciadas na América portuguesa a partir das chamadas “Reformas Pombalinas” desde meados do século XVIII, após a expulsão dos Jesuítas do Império português¹³. De toda forma, na sociedade colonial, para além dos conventos e recolhimentos, não era incomum que famílias com razoável condição econômica contratassem professores particulares para suas filhas ou ainda que as meninas aprendessem a ler, às vezes de maneira rudimentar, com os parentes letrados. Ao aprendizado das primeiras letras, mormente, somava-se, os afazeres do lar e da vida: fiar, tecer, cozinhar.¹⁴

Na aquarela de Debret, verificamos aspectos relativos à rusticidade doméstica, certa escassez e simplicidade do mobiliário. Podemos afirmar que a cena representada, enquanto registro de hábitos corriqueiros do cotidiano, indicia a imbricação de culturas no Império brasileiro, haja vista a convivência próxima e constante entre livres e escravizados. *As crias da casa*¹⁵ brincam junto à Senhora que, ao costurar, ouve sua filha. A leitura de

pés da madame – a senhora. É reconhecido o luxo e as prerrogativas dessa primeira escrava pelo comprimento de seus cabelos cardados, (...) penteado sem gosto e característico do escravo de uma casa pouco opulenta. A menina no centro, à direita, pouco letrada, embora já crescida, conserva a mesma atitude de sua mãe, mas sentada numa cadeira bem menos cômoda, e esforça-se por ler as primeiras letras do alfabeto traçadas sobre um pedaço de papel. À direita, outra escrava, cujos cabelos cortados muito rentes revelam seu nível inferior. Avança do mesmo lado um moleque com um enorme copo de água, bebida frequentemente solicitada durante o dia para acalmar a sede devido ao abuso de alimentos apimentados. Os dois negrinhos, apenas na idade de engatinhar, que gozam, no quarto da dona da casa, dos privilégios do mico-leão, experimentam suas forças na esteira da criada”. (DEBRET, 1971).

11. Em alguns trabalhos acadêmicos encontramos também esta designação para a tela “Uma senhora brasileira em seu lar”, devido, possivelmente, à expressão usada por Debret no texto que segue a obra.

12. (DEBRET, 1971).

13. “A partir do século XVI, a direção do ensino público português desloca-se da Universidade de Coimbra para a Companhia de Jesus, que se responsabiliza pelo controle do ensino público em Portugal e, posteriormente, no Brasil. Praticamente, foram dois séculos de domínio do método educacional jesuítico, que termina no século XVIII, com a Reforma de Pombal, quando o ensino passa a ser responsabilidade da Coroa Portuguesa”. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; NETO, Alexandre Shigunov. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 465-476, set./dez. 2006. p. 469.

14. Destacamos as investigações de Leila Mezan Algranti relativas às famílias e à vida doméstica na América portuguesa e à condição feminina nos conventos e recolhimentos no Brasil. Também as pesquisas de Maria Beatriz Nizza da Silva situam-se no conjunto de trabalhos que, no Brasil, privilegiam as estruturas domiciliares e apresentam, em seu embojo, a preocupação com as constituições familiares e o universo feminino. Os trabalhos produzidos e/ou coordenados por Mary Lucy M. Del Priore constituem referência teórica e metodológica acerca da história das mulheres no Brasil, de forma inovadora, elucidaram aspectos fundamentais das vivências e sociabilidades femininas. A obra *História das mulheres no Brasil* (1997), por ela organizada, tece reflexões sobre o feminino na história do Brasil ao longo de diferentes períodos e analisam o conjunto de investigações produzidas relacionadas ao tema da feminilidade.

15. Ainda que meramente retóricos, as relações das senhoras com suas crias, os sentimentos e as vivências estão

oitiva nos ambientes privados é realidade que extravasa, portanto, o período colonial e permanece durante o século XIX, denunciando o contato com conteúdos escritos para além dos hábeis leitores. Letras e palavras pronunciadas em voz alta, mesmo de maneira incipiente, invadiam os espaços, podendo ser apreendidas por quem estivesse próximo. Na referida pintura saltam aos olhos características da época colonial. Não obstante as transformações processadas no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, verificamos a permanência de costumes coloniais no interior das casas, posto as mudanças no imaginário social acontecerem na longa duração.

Ademais, a escolarização que permitirá maior acesso das mulheres ao aprendizado sistemático das primeiras letras somente se processará de maneira mais incisiva em meados do século XIX, dadas dificuldades estruturais existentes no período. Para Luciano Mendes de Faria Filho “é sempre necessário considerar a baixíssima capacidade de investimento das províncias, que algumas vezes chegavam a empregar mais de ¼ de seus recursos na instrução e obtinham pífios resultados”.¹⁶ Some-se a isto o fato de que as mudanças mais substantivas empreendidas pela legislação datam, principalmente, do final da segunda década do Oitocentos. Em seu Art. 4º, a lei de 1827 determinava: “As escolas serão de ensino mútuo nas capitais das províncias; e o serão também nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fôr possível estabelecerem-se.”¹⁷

Além disso, de acordo com José Ricardo Pires de Almeida, no início do século, exatamente em 1832, constata-se no Império brasileiro a existência de apenas 162 escolas para meninos e 18 escolas para meninas, localizadas nas províncias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Mato Grosso, Goiás e Rio Grande do Sul. Esclarece-nos Almeida, ainda, que associado ao pequeno número de escolas para os segmentos femininos, havia falta de professoras capazes de lecionar porque a instrução das mulheres era precária, não permitindo a dedicação à função pública. Apenas em meados dos anos de 1930 e “graças à descentralização da educação através do Ato Adicional, em 1835 surgiu a primeira Escola Normal do país, em Niterói. Em seguida outras Escolas Normais foram criadas visando melhorias no preparo do docente. Em 1836, foi criada a da Bahia, em 1845, a do Ceará e, em 1846, a de São Paulo”.¹⁸

relatados em diferentes fontes primárias como testamentos e cartas de alforrias. Sobre a matéria, consulte-se, dentre outros: BELLINI, Ligia. Por amor e por interesse: a relação senhor-escravo em cartas de alforria. In: REIS, João José (org). **Escravidão e Invenção da Liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil**. CNPq e Ed. Brasiliense, 1988, pp. 73-86. FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; **Na senzala, uma flor: as esperanças e recordações na formação da família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. RACHI, Sílvia. **A vida em folhas de papel: escrita mediada na América portuguesa**. rev. hist. (São Paulo), n. 174, p. 267-298, jan.-jun., 2016.

16. FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

17. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação Informatizada. Lei de 15 de outubro de 1827 – Publicação original. In: **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827**, Página 71. Vol. 1 pt. I (Publicação Original).

18. NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O Império e as primeiras tentativas de organização da educação nacional (1822-1889). In: **Navegando na História da Educação Brasileira. Blog HISTERDBR**. Faculdade de Educação/Unicamp. Disponível em: http://www.histerdb.br/navegando/periodo_imperial_intro.html.

Consignadas as informações, voltemos à obra *debrediana*. A aquarela apresenta-se, portanto, como fonte profícua de pesquisa e reflexão acerca de vivências femininas no início do Império brasileiro, possibilitando-nos identificar permanências na transição da colônia para o Brasil independente. A marca indelével da escravidão de africanos e seus descendentes, a profunda mistura cultural na formação da realidade brasileira, a presença de costumes e práticas sociais experienciadas pelas mulheres, nomeadamente relativas à instrução e ao contato com a cultura escrita. Indicia, assim, a exclusão imposta a esse segmento social no Estado Nação que se pretendia formar, ao expressar as continuidades nos hábitos de leitura para os públicos femininos.

É inegável, de outra parte, que mudanças importantes ocorreram de forma paulatina durante o século XIX, sendo narradas e representadas em variados suportes, contribuindo para a formação de uma memória histórica concernente às vivências instrucionais e educativas das mulheres. Muito embora, desde a época colonial até os primeiros anos do Dezenove, fosse-lhes escusado o ensino das primeiras letras, nunca é demais lembrar que, ainda assim, as mulheres estavam imersas no mundo da cultura escrita, posto lerem e escreverem de forma mediada em diferentes situações. Ensinamentos, valores e imaginação propiciados por momentos e eventos de leitura não devem ser esquecidos, pois facultam maior visibilidade às relações estabelecidas com a escrita pelas mulheres no cotidiano, em detrimento de visões reducionistas e/ou misóginas. A constatação e observação destas práticas retiram o véu existente sobre o uso dos códigos culturais e revelam vivências e compartilhamentos para além das fronteiras das distinções sociais. Apesar das dificuldades para realizarem leituras, conforme relatado por Debret no texto explicativo da pintura, ressaltamos que nestes momentos a escrita ocupou lugar de destaque na esfera privada e caracterizaram-se como acontecimento fundamental para os sujeitos envolvidos, desvelando formas e cores de participação social.

ANEXO 1



Uma Senhora Brasileira em seu Lar. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra62092/uma-senhora-brasileira-em-seu-lar>>. Acesso em: 04 de Jul. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

Ficha técnica: Data de criação: 1823. Autores: Jean-Baptiste Debret. Técnica utilizada para produzir a obra: litografia aquarelada à mão. Dimensões: 16.00 cm x 22.00 cm. Acervo: Acervo Banco Itaú.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos Livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX? Rio de Janeiro: **Interfaces**. Vol. 6 n. 2, dez./2015. p. 40-50.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “La plume & le pinceau”. In: _____ et al., Rio de Janeiro, la ville métis. **Illustrations & commentaires de Jean-Baptiste DEBRET**. Paris: Chandeigne, 2001. ALMEIDA

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil: 1500 a 1889**. São Paulo: EDUC; Brasília, DF: INEP/MEC, 1989.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BANDEIRA, Júlio & LAGO, Pedro Corrêa do. (2008). **Debret e o Brasil**. Obra completa 1816-1831. Rio de Janeiro: Capivara.

BELLINI, Lúcia. Por amor e por interesse: a relação senhor-escravo em cartas de alforria. In: REIS, João José (org). **Escravidão e Invenção da Liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil**. CNPq e Ed. Brasiliense, 1988, pp. 73-86.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentidos, cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 2003.

DEBRET, Jean-Baptiste. (1834-1839). **Voyage pittoresque et historique au Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institut de France. (Tradução brasileira de Sérgio Milliet, Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. São Paulo: Círculo do Livro, 1940).

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil: 1816-1831**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: NOVAIS, Fernando A.; SOUZA, Laura de Mello e. **História da vida privada no Brasil**: volume 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 275-330.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DOMINGUES, Joelza Ester. Contrastes e nuances sociais no Brasil colônia, segundo Debret. In: **Bolg Ensinar História**. <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/contrastes-sociais-brasil-colonia-debret/>.

DORIA, Escragnoles. "A Missão Artística de 1816". In: **Revista da Semana**, 07/12/1940, nº 49.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento**: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FLORENTINO, Manoel; e GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**: Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790-1850. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997; REIS, João José & SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência escrava no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1989;

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Educação na América portuguesa: sujeitos, dinâmicas, sociabilidades. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR. Curitiba, n. 60, p. 15-38, jan./jun. 2014.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. "Segundo a qualidade de suas pessoas e fazenda": estratégias educativas na sociedade mineira colonial. **Varia história**. 2006, vol.22, n.35, pp.175-188.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e a mediação do outro. In: ABREU, Márcia et al. **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 269-397.

LEENHARDT, Jacques. Jean-Baptiste Debret: **um olhar francês sobre os primórdios do Império brasileiro**. École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França **Sociologia&antropologia**. Rio de Janeiro, v.03.06: 509–523, novembro, 2013.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras**: leitura e escrita em Portugal no século XVII. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O Império e as primeiras tentativas de organização da educação nacional (1822-1889). In: **Navegando na História da Educação Brasileira. Blog**

HISTERDBR. Faculdade de Educação/Unicamp. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_imperial_intro.html.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.

PICCOLI, Valéria. O Brasil na viagem pitoresca e histórica de Debret. Rio de Janeiro, v.II,n.1, jan. 2007. In: **I encontro de história da arte – IFCH / Unicamp**. 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2004/PICCOLI,%20Valeria%20-%20IEHA.pdf>.

PRADO, J. F. de. **O Artista Debret e o Brasil**. Brasileira, volume 386. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

RACHI, Sílvia. **Por mãos alheias**: práticas de escrita na sociedade colonial. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2015.

RACHI, Sílvia. **A vida em folhas de papel**: escrita mediada na América portuguesa. rev. hist. (São Paulo), n. 174, p. 267-298, jan.-jun., 2016.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v.1, p. 44-56, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Os jardins das delícias**: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1999. SCHWARCZ, Lília Mortiz;

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988;

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: as esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adesismo 18
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165
Barão do Abiahy 18, 19
Brasil Colonial 166, 172
Brasil Império 18, 19

C

Cesare Brandi 267, 268, 278
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275
Cristãos-novos 284
Cronologia 122, 146, 154, 155
Cultura Cigana no Brasil 133

D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172
Descaracterização 279, 280, 281, 282
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

G

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

H

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

I

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

J

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

L

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

M

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

N

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

U

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

V

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

Z

Zapatismo 173, 174

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História